

À Mestra, Maria do Carmo Corrêa Galvão com Carinho...

“To Sir, With Love” ... Maria do Carmo Corrêa Galvão

Iná Elias de Castroⁱ

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Brasil

Ao tomar de empréstimo o título do belo filme de 1967 com o ator Sidney Poitier como o professor Mark Thackeray – *Mestre Mark* – o paralelo certamente não está nos alunos rebeldes, mas na força da personagem diante do seu papel de conduzir aqueles jovens para o caminho do aprendizado. De acordo com um crítico de cinema sobre o filme, “o enredo quer mesmo é dialogar com o público, uma vez que, salvo em casos de exceção, todos tiveram, em algum momento, um professor que, pelo bom exercício da sua função, aparentou ser muito mais do que um.”¹ É neste sentido meu registro muito especial à professora Maria do Carmo. Com ela aprendi coisas essenciais nos conteúdos oferecidos na sala de aula e nos muitos trabalhos de campo, alguns que chegaram a durar 30 dias. Ela mostrou o caminho, para além do conteúdo importante da sala de aula, da disciplina indispensável à tarefa de ir a campo, de observar, de registrar para discutir e analisar. Na prática de pesquisa ela ensinou a necessária observação da relação entre as tarefas humanas, no campo ou na cidade, para compreender os modos como cada sociedade lida com a natureza e organiza seu espaço.

Mas ela nos mostrou mais: a paixão pela geografia e pelo seu ofício de professora. Suas aulas sempre preparadas com esmero, sua didática, seu rigor e a energia de quem ama o que faz. Ela impunha respeito porque esteve sempre profundamente imbuída do respeito por nós, aprendizes da arte de fazer geografia. As excursões ao campo, tanto da disciplina de Geografia do Brasil como aquelas que participei como bolsista de Iniciação Científica, constituem um registro para mim privilegiado. Tive sorte em participar de todas as suas excursões, mesmo das maiores que eram para as turmas mais avançadas, mas ela sempre reservava uma vaga para alunos iniciantes que tivessem as médias mais altas. Era um estímulo para que estudássemos e disputávamos esse prêmio.

Viajamos para o Centro-Oeste, visitamos Brasília e percorremos alguns quilômetros da rodovia Belém-Brasília. Exploramos a Região Sul, o interior de São Paulo e do Rio de Janeiro. Visitamos propriedades rurais, pequenas e grandes, e todos nós pegávamos o seu jeito de abordar os trabalhadores rurais com um sorridente e sonoro “bom dia, moço”. Visitamos indústrias como a Volkswagen no ABC paulista, a indústria de tecidos Renner em Porto Alegre, a porcelana Schmit e a malharia Hering em Blumenau, minas de carvão em Criciúma (até descemos numa, apesar da superstição dos mineiros quanto à presença feminina), usinas de açúcar em Campos, a destilaria do Conhaque de Alcatrão de São João da Barra etc. Nesta última ganhamos pequenos frascos de amostras dos produtos: cachaça e conhaque. Como sempre voltávamos depois de o sol se pôr, extenuados na

ⁱ Professora Titular Aposentada. inacastro@uol.com.br

carroceria do caminhão que, segundo ela, era o único veículo que permitia uma ampla visão do terreno, neste dia enfrentamos um forte temporal. Temendo que nos gripássemos, pois chegamos gelados e encharcados aos nossos alojamentos, ela nos fez beber nossas amostrinhas que guardávamos para ocasião mais festiva. Nesta noite ela nos dispensou do relatório.

Como sua bolsista de Iniciação Científica do CNPq em 1966 e 1967 (à época chamada de Auxiliar de Pesquisa) tive a oportunidade de ir além e de participar em trabalhos de campo dos seus projetos de pesquisa, como o do Cinturão Verde da cidade de São Paulo, que entre outras peripécias me levou ao CEASA paulista de madrugada para entrevistar os atacadistas, mas acima de tudo para observar e sentir aquele espaço e sua atmosfera impregnada de uma das dimensões da relação campo-cidade. Outro projeto foi o da geografia dos transportes do Brasil. Tive a tarefa de colher dados sobre os transportes rodoviários e ferroviários, seus fluxos, suas cargas. Eu ia às instituições indicadas por ela e voltava carregada de tabelas, mapas e muitas informações fornecidas por técnicos, funcionários e diretores. Buscar informações, onde elas estivessem, deixou de ser mistério para mim e tem sido útil até hoje. Seja para minhas próprias pesquisas seja para orientar meus alunos. Não tenho dúvidas que “quem procura acha” e que pesquisar é uma arte que se aprende na escola.

Mas, toda essa experiência, com os olhos de hoje, revela a tenacidade da mestra ao enfrentar as dificuldades de levar estudantes para tão longe com os poucos recursos disponíveis. Revela o empenho em entrar em contato com prefeituras, para conseguir o indefectível caminhão que nos permitiria ampla visão do terreno – ao fim do dia nós, jovens, não aguentávamos mais subir e descer daquela carroceria, enquanto ela, impávida, com suas calças compridas, camisa e chapéu de explorador apenas ficava com as faces mais rosadas e os olhos mais brilhantes de entusiasmo. Revela o trabalho difícil de se comunicar, num tempo sem celular ou internet, com empresas, indústrias, proprietários rurais para nos receber e dedicar tempo de explicações e de respostas às muitas perguntas que ela fazia e nos estimulava a fazer também.

Mas, revela acima de tudo a mestra generosa que não media esforços para nos conduzir pelos caminhos do conhecimento de uma geografia que ela se propunha desvendar em cada passo do terreno, em cada informação nova obtida e o ser humano capaz de discretamente rir de nossas bobagens de jovens, de assumir um ar cúmplice quando percebia os namoros, de nos repreender quando ficávamos dispersivos, de se preocupar com nossa segurança. A cada experiência no campo com ela voltávamos à sala de aula mais companheiros e mais admirados da potência daquela mulher pequena, educada, severa, mas fundamentalmente humana.

Recebido em: 15/05/2023. Aceito em: 16/05/2023.

Nota

¹ Fernando J.G. planocritico.com>Filmes, 7 de abril de 2022.

Maria do Carmo Corrêa Galvão: a Professora-pesquisadora e a Mulher Comum

Maria do Carmo Corrêa Galvão: Professor, Researcher, Ordinary Woman

Lucia Maria de Baère Naegeliⁱ
Colégio Pedro II – Campus São Cristóvão III
Rio de Janeiro, Brasil

Ao ser convidada a prestar essa justa homenagem à querida Profa. Maria do Carmo, louvei a iniciativa dos editores da *Espaço Aberto* ao mesmo tempo em que respondi prontamente que seria o mínimo a retribuir a quem fez tanto por várias gerações de alunos. Como professora, com 71 anos de idade, e em contato com jovens professores em formação, percebo, com certa tristeza, que Maria do Carmo Galvão não é um nome conhecido dessa nova geração, até por ter se afastado há tempos de suas atividades. Por isso mesmo, precisa ser apresentada em sua grandeza a quem está chegando agora na profissão de geógrafo/a e professor/a.

Da mesma forma como Maria do Carmo nunca aceitou a dicotomia na Geografia, sempre realizando as integrações entre sociedade e natureza, nunca separou sua vida profissional, na qual mergulhou com muita paixão, da mulher Maria do Carmo. Com a mesma dedicação com que foi cuidada por seus familiares, zelou por sua mãe, D. Clarice, a quem conheci, por seus irmãos e sobrinhos, por quem seus olhinhos brilhavam quando contava seus feitos cotidianos que para ela adquiriam um sentido especial devido ao amor. Eu me sentia tão à vontade na presença dessa pequenina e grande mulher em sua simplicidade que eu a chamava de Carmo, forma como atendia a seus familiares.

Nos tempos do telefone fixo e da máquina de escrever, a orientação dos trabalhos e das pesquisas era presencial e, muitas vezes, éramos recebidos em sua casa. Nosso primeiro aprendizado, então, era esse: a vida é singular, com todas as suas particularidades, ocorrências, problemas, necessidades e obrigações. E precisamos dar conta de tudo, na vida profissional e pessoal. Essa é a justificativa para o título que dei a esse texto: o bem-estar dos familiares, a feira, o supermercado e a pesquisa, tudo executado por ela mesma.

Sabe gente que gosta de gente? Sabe gente que olha para o outro com curiosidade, e, ao mesmo tempo, com acolhimento? Sabe gente que se entrega às ações com paixão? Sabe gente que fala com carinho e orgulho da família, dos que convivem ao redor, dos alunos, dos amigos? Talvez seja difícil imaginar porque muito poucos reúnem todos esses dons numa mesma pessoa. Era assim a querida Carmo. Os anos se passaram e não perdeu o ar de menina curiosa.

ⁱ Professora aposentada do Colégio Pedro II e da rede privada de ensino. Graduada pela UFRJ e participante do Grupo de Pesquisa em Geografia do Brasil, coordenado pela Profa. Maria do Carmo Correa Galvão. lucia.naegeli@gmail.com

Difícil dizer quantos, como eu, devem a ela a formação acadêmica e pessoal, com admiráveis exemplos de caráter, firmeza e determinação. Lembro de uma vez em que íamos para um congresso ou encontro e precisávamos reproduzir na copiadora uma série de tabelas e documentos. No meio daquele corredor interminável no Fundão, voltamos para pegar a bolsinha de moedas porque em meio aos documentos que seriam creditados na conta do Departamento, havia uma cópia pessoal dela que precisaria ser paga. Sim, é o correto, mas ficou para nós, ainda estudantes, mais um aprendizado, o da verdadeira servidora pública que tem como função principal servir, prestar um serviço à sociedade e zelar pelo patrimônio e bens comuns.

Os estudantes novos que chegavam para trabalhar no grupo de pesquisa recebiam a mesma atenção e dedicação que eram destinadas aos mais antigos. Explicava o andamento da pesquisa com paciência e detalhamento. Identificava com maestria as potencialidades e talentos de cada um, nunca ouvi nenhuma crítica a um de nós porque tinha a certeza de acreditar que todos são importantes.

As salas de aula, tanto no Largo de São Francisco como na Ilha do Fundão, eram bem amplas e Carmo não tinha um vozeirão. Penso que seu tom de voz se devia ao tipo de educação a que foi submetida, falando em tom baixo de uma pessoa bem-educada, e nunca se alterava. Mas embora, por vezes, durante as aulas, precisássemos nos concentrar um pouco mais para poder ouvi-la bem, na maioria das vezes ela nos cativava com sua paixão pelo tema, discorrendo sobre o mesmo como se fosse uma descoberta daquele momento.

Notabilizou-se pelo trabalho em campo, era imbatível. Estava sempre alerta, observando com atenção a paisagem, dividindo conosco tudo o que descobria e que avaliasse ser importante para nosso conhecimento. Com ela percebemos o dinamismo do espaço, as relações e conexões, a capacidade incrível de trazer para o campo a sala de aula, os textos lidos, a teoria e comprovar que o que estávamos descobrindo junto com ela era a junção de muitos elementos reunidos com extrema sabedoria. À noite, cansados, não tínhamos folga não, era tomar um banho, comer alguma coisa e um terceiro turno de trabalho, relatando a jornada, analisando os acontecimentos e planejando as próximas etapas. Além do mais, vendo sua animação, ficávamos até envergonhados por estarmos nos rendendo. Então ela comparava nossa situação com a dela, como discípula de Hilgard Sternberg e Francis Ruellan, que eram, da mesma forma, bastante rigorosos em campo. Ela falava muito de seus mestres e contava suas peripécias em campo. Quanto a esse último, Ruellan, disse ter composto até uma música que Carmo gostava de cantar sobre a vida do geógrafo em campo: não precisava descansar, nem comer, e caso estivesse sentindo falta de um alimento, era só fazer um bife de arenito... e por aí vai. Mesmo hoje, quando vou a campo, sinto-a a meu lado, com o espírito investigativo e agitado, batendo aceleradamente os pequenos olhos e apertando os lábios quando descobria algo novo a ser estudado.

No grupo de pesquisa, sempre ressaltou a fundamentação do trabalho pela leitura e a importância dos levantamentos dos dados, quer em campo quer os secundários, transferidos para tabelas e mapas. Aparecia na sala em que ficávamos para ver se todos estavam trabalhando e já querendo extrair alguns dados do que estávamos tabulando e confirmando a escolha da metodologia selecionada. Andava num passinho leve e apres-

sado, com a caixinha de óculos numa mão e a caneta na outra, retornando logo em seguida para sua mesa, sempre atolada de papéis, pastas e muitas demandas, pois era a Coordenadora da Pós-Graduação em Geografia.

Seus textos eram de uma nitidez incrível, não tinha uma linguagem rebuscada nem imponente, queria ser compreendida e compartilhar seu conhecimento. Apesar de ser um dos mais ilustres nomes da Geografia, nunca almejou ser uma “estrela”, embora apresentasse seu trabalho com brilho, tendo exclusivamente o desejo de dar visibilidade à Geografia, especialmente à Geografia Agrária brasileira, ao ambiente e ao Estado do Rio de Janeiro. Penso que as palavras que melhor resumem seus trabalhos são: naturalidade, conhecimento, rigor e segurança. Quando começou a publicá-los, talvez na década de 1950, o que se encontrava nas divulgações geográficas era a descrição do ambiente com suas características físicas. Maria do Carmo preparava o terreno e, com muita acuidade, percebia e produzia as conexões espaço-tempo para, aí sim, apresentar o tema em tela e nos convidar a acompanhar o movimento e construção de seu pensamento. E sempre procurava propor soluções ou novas formas de pensar a questão.

Difícil, nos dias de hoje, selecionar seu melhor texto. Ainda bem que as professoras Gisela Aquino Pires do Rio e Maria Célia Nunes Coelho organizaram o belo trabalho *Percursos Geográficos*, em 2009, no qual foram muito felizes nessa compilação. Acho que meu preferido é “Focos sobre a questão ambiental no Rio de Janeiro”. Esse artigo é um dos que foram muito bem analisados pelo Prof. João Rua na resenha sobre o livro, publicada nessa revista, *Espaço Aberto*, em 2011. Minha preferência se dá porque ele mostra, de forma contundente, no início da década de 1990, como Maria do Carmo estava à frente de seu tempo, transitando confortavelmente pelas diferentes dimensões dos estudos ambientais desenvolvidos pela Geografia, compreendendo suas formas, processos e procedimentos metodológicos e operacionais. Já nessa época, Maria do Carmo denunciava a contradição entre o discurso e a prática quanto à questão ambiental, pois, na prática, se excluía a preocupação com o “ambiente construído” pela ação do homem, que deve compreender o bem-estar e a qualidade de vida, acessível a todos. E desenvolve sua concepção de ambiente como *produção social*, entidade concreta e representação (p. 69). O curioso é que Maria do Carmo não utiliza o termo espaço para sua concepção de ambiente, mas o vê como tal, em todas as suas dimensões, e tenta trazer um pouco da visão da Escola Francesa, com sua concepção holística da relação homem/meio, adaptada às questões da contemporaneidade, como ela bem sabia fazer, sempre fortalecendo o saber geográfico.

Foi, realmente, um privilégio ter sido aluna e ter convivido com essa mulher comum que deixou seu talento, maestria, grandiosidade, brilhantismo e generosidade por onde passou.

Recebido em: 18/05/2023.

Aceito em: 19/05/2023.